

TEMÁTICAS DA INQUISIÇÃO NA POESIA DE MACHADO DE ASSIS: UMA LEITURA DO POEMA “A CRISTÃ-NOVA”

The Inquisition Theme in Machado de Assis's Poetry: A Reading of the Poem “A Cristã nova” (“The New Christian”)

DOI: 10.14393/LL63-v36n2-2020-3

Kenia Maria de Almeida Pereira*

RESUMO: Há poucos estudos mais densos sobre a relação de Machado de Assis com as temáticas da Inquisição e com os assuntos judaicos. Se fizermos um recorte apenas na lírica machadiana, encontraremos algumas poesias que estão relacionadas com as questões judaicas e com o Santo Ofício; dentre elas, o longo poema intitulado “A cristã-nova”, o qual pretendemos analisar neste artigo. Nossas reflexões estarão ancoradas principalmente nas pesquisas de Cláudio Murilo Leal, Mário de Andrade, Anita Novinsky, Francisco Bethencourt, Lina Gorenstein, Ricardo Forster, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis. Poesia. Inquisição. Santo Ofício. “A cristã-nova”.

ABSTRACT: There are few dense studies about Machado de Assis's relation to the Inquisition theme and to Jewish subjects. If we focus only on his lyric, we shall find some poetries related to Jewish matters and to the Holy Office, including the long poem titled “A cristã-nova” (“The New Christian”), which this paper aims to analyze. My reflections are primarily based on the studies by Cláudio Murilo Leal, Mário de Andrade, Anita Novinsky, Francisco Bethencourt, Lina Gorenstein, Ricardo Forster, among others.

KEYWORDS: Machado de Assis. Poetry. Inquisition. Holy Office. “A cristã-nova” (“The New Christian”).

* Doutora em Literatura Brasileira pela UNESP/ São José do Rio Preto/SP, Professora de literatura da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: 0000-0002-2005-2049. E-mail: kenia(AT)triang.com.

Anita Novinsky talvez seja uma das primeiras pesquisadoras do Santo Ofício que observaram a proximidade do escritor Machado de Assis com os assuntos judaicos, principalmente com o tema da Inquisição. Para essa estudiosa, ainda são raras as pesquisas mais densas sobre o interesse do autor de *Memórias Póstumas* pelas questões que envolvem tanto os cristãos-novos como o Tribunal da Fé. Anita Novinsky (2005, p. 23) chama nossa atenção ainda para o fato de que não existe, “nas milhares de páginas que já se escreveu sobre Machado, uma análise exaustiva sobre o seu envolvimento com a história e o destino dos judeus”.

De fato, se fizermos um recorte apenas na lírica machadiana, por exemplo, encontraremos três poemas que se relacionam com assuntos judaicos e com a Inquisição: “Antônio José”, “Espinosa” e a “Cristã-nova”. O primeiro deles é uma homenagem ao dramaturgo luso-brasileiro Antônio José da Silva, o Judeu. Para Almeida Pereira (2012, p. 1), nesses intrigantes versos, podemos divisar as primeiras sementes da ironia, das ambiguidades e dos paradoxos machadianos, principalmente quando o poeta enfatiza a existência contraditória de o Judeu. Assim, num poema curto, de apenas uma estrofe, que lembra um haicai, Machado resume a vida e a morte trágica desse comediógrafo que tanto fez Portugal sorrir, mas que, em 1739, com apenas 34 anos de idade, morreu chorando, queimado em Lisboa, num auto de fé:

Antônio José
(21 de outubro de 1739)

Antônio, a sapiência da Escritura
Clama que há para a humana criatura
Tempo de rir e tempo de chorar
Como há um sol no ocaso, e outro na aurora.
Tu, sangue de Efraim e de Issacar,
Pois que já riste, chora. (ASSIS, 1994, p. 162-163)

Já o belo soneto “Espinosa”, considerado por Manuel Bandeira como sendo de “excelente qualidade” (BANDEIRA, 1994, p. 11), ou tão bom quanto os melhores contos e romances machadianos, faz menção ao filósofo Baruch Espinosa, filho de pais judeus portugueses que migraram para a Holanda, fugindo da Inquisição. Na segunda estrofe, Machado alude à intolerância religiosa enfrentada pelo autor de *Ética*, que depois de ser

perseguido e condenado por heresia, banido das sinagogas, das Igrejas e dos círculos intelectuais, passa a polir lentes para sobreviver: “Soem cá fora agitações e lutas, / Sibile o bafo aspérrimo do inverno, / Tu trabalhas, tu pensas, e executas” (ASSIS, 1994, p. 163).

Já o poema “A Cristã-nova”, sobre o qual pretendemos nos debruçar com mais propriedade neste artigo, também faz referências à intolerância religiosa enfrentada por uma família hebraica, desta vez, cristãos-novos, atormentados pelos visitantes do Santo Ofício no período do Brasil colonial. “A cristã-nova” faz parte do livro *Americanas*, obra publicada pela primeira vez em 1875 e que traz em seu bojo temas caros aos românticos, como o indigenismo, bem como outros assuntos “relacionados a caracteres de representação da realidade brasileira oitocentista”, como bem aponta Marina Grandolpho (2014, p. 9).

De fato, em *Americanas*, não encontramos apenas versos dedicados aos primeiros habitantes do Brasil, como em “Potira”, “Niani” e “Visão de Jaciúca”; há também estrofes tanto para a mucama Sabina, como para a judia Ângela, bem como poemas elogiosos em homenagem ao vate Gonçalves Dias e ao patriarca José Bonifácio.

Assim, tem razão Fabiana Gonçalves (2015, p. 87), quando aponta que, em *Americanas*, embora encontremos elementos da tradição romântica do indianismo, tendo por modelo Basílio da Gama e Gonçalves Dias, há também traços de “um certo instinto de nacionalidade, ou seja, reflete um desejo de (o poeta) em criar uma literatura mais independente”.

O próprio Machado de Assis afirmava, em seu famoso ensaio “Literatura brasileira: Instinto de nacionalidade”, que as letras brasileiras não podiam estar ligadas apenas aos elementos indianistas, já que tudo é “matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que ele se compõe”. (ASSIS, 1994, p. 802.). Também na primeira edição de *Americanas*, Machado observa, na *Advertência*, que não “se deve entender que tudo o que aqui vai seja relativo a nossos aborígenes”. (ASSIS, 1875, p. V).

Dessa forma, em meio a essa miscelânea de temas que trazem aquelas “condições do belo”, tão caras a Machado de Assis, e que englobam desde assuntos ameríndios até panegíricos a Gonçalves Dias e a José Bonifácio, é que nos deparamos, em *Americanas*, com o instigante poema “A Cristã-nova”, o qual narra a triste história da hebreia Ângela, bem como as decepções de seu noivo e os tormentos de seu pai judeu, perseguido pelos agentes da Inquisição.

Dividido em duas partes, a primeira com nove estrofes e a segunda com dezenove, essa extensa poesia, espécie de poema-conto, fruto da primeira fase machadiana, se apresenta, nos dizeres de Mário de Andrade (2002, p. 116), “como um longo e minucioso aprendizado técnico”. As estrofes vêm moldadas em versos hexassílabos e decassílabos brancos, com marcações rítmicas variadas, o que reafirma, nos dizeres de Claudio Leal (2008, p. 17), “a vocação narrativa do futuro autor de ‘Quincas Borba’, vertente, aliás, que se tornaria uma constante ao longo de sua obra poética”.

Já de início, a epígrafe que abre o poema revela-se como um mote significativo para a tragédia que irá se desenrolar aos olhos do leitor. Machado vai buscar na Bíblia, mais precisamente nos livros proféticos, o gancho para essa poesia narrativa. Os vaticínios do profeta Naum, denunciando a tirania do império assírio contra o povo hebreu, destacados no capítulo III, versículo 10, “...essa mesma foi levada cativa para uma terra estranha”, fulguram como metáfora poderosa para enfatizar, em “A cristã-nova”, as tormentas e a errância milenar dos judeus por terras alheias. Já para Audrey Miasso (2016, p. 30), pesquisadora pioneira sobre as epígrafes na lírica machadiana, essa sentença bíblica em “A Cristã-Nova” “não apenas antecipa o cativeiro de Ângela, mas se assemelha ao poema na luta entre nações”.

Na primeira parte, somos apresentados a dois importantes personagens: tanto à cristã-nova, Ângela, como ao seu velho pai viúvo, o qual é descrito como um senhor melancólico, um judeu cético de barbas longas que, “de olhos fitos no céu”, evoca as “solidões sombrias da velha Palestina” (ASSIS, 1994, p. 110).

Banhado pela luz da lua, o velho senhor ouve os sons do mar da Guanabara, o que o leva a refletir tristemente sobre as ruínas da antiga terra de seus antepassados. Machado de Assis cria uma atmosfera soturna ao aludir nesses versos à segunda diáspora do povo hebreu, ocorrida aproximadamente em 70 d. C., quando os romanos destruíram Jerusalém e as famílias judaicas se dispersaram para várias partes do mundo:

Um profeta no espírito volvera
As desgraças da pátria. Quão remota
Aquela de seus pais sagrada terra,
Quão diferente desta em que há vivido
Os seus dias melhores! Vago e doce,
Esse luar não alumia os serros
Estéreis, nem as últimas ruínas.

Nem as ermas planícies, nem aquele
Morno silêncio da região que fora
E que a história de todo amortalhara (ASSIS, 1994, p. 110)

Reparemos que, por mais belo que seja o luar da cidade do Rio de Janeiro, ele não é o mesmo que banha as ruínas da velha Jerusalém, que “a história de todo amortalhara”. O velho pai, com suas taciturnas reminiscências, representaria, assim, as centenas de exilados judeus que vieram para o Brasil no período colonial, grande parte convertidos compulsoriamente ao cristianismo. O historiador Arnold Wiznitzer (1966, p. 1) esclarece que a maioria deles “era de cripto-judaizantes, os quais, temerosos de serem descobertos pelos agentes secretos da Inquisição, praticavam em segredo os ritos judaicos”.

Ângela, por sua vez, nos é apresentada, na quarta estrofe, como a filha amorosa e meiga; nascida no Brasil, provavelmente depois que seus pais fugiram da Inquisição lusitana. Batizada nas águas do catolicismo, ela é comparada à sensual Sulamita, “a açucena dos Cantares”, e também à bela Rute “ante o rico Booz”, (ASSIS, 1994, p. 111). No entanto, mesmo ornada por essas enfáticas metáforas bíblicas, Ângela carregará para sempre, tal qual seu pai, a complexa identidade híbrida de uma cristã-nova:

Sentada
Aos pés do velho estava a amada filha,
Bela como a açucena dos Cantares,
Como a rosa dos campos. A cabeça
Nos joelhos do pai reclinava a moça,
E deixa resvalar o pensamento
Rio abaixo das longas esperanças
E namorados sonhos. Negros olhos
Por entre os mal fechados
Cílios estende à serra que recorta
Ao longe o céu. Morena é a face linda
E levemente pálida. Mais bela,
Nem mais suave era a formosa Rute
Ante o rico Booz, do que essa virgem,
Flor que Israel brotou do antigo tronco,
Corada ao sol da juvenil América (ASSIS, 1994, p. 111)

Assim, enquanto essa flor de Israel que brotou no solo tropical da “juvenil América”, se deixava levar por seus “enamorados sonhos”, seu velho pai fazia a leitura da Torá, ou aquela obra sagrada que é considerada por ele como “o máximo dos livros todos” (ASSIS, 1994, p. 114).

Em épocas de perseguições e de denúncias, o velho judeu sabia que o melhor era ser discreto. A leitura dos livros proibidos era feita na clandestinidade ou na privacidade do lar, longe, portanto, dos olhos alheios. Este gesto rebelde seria também um momento de reafirmação de sua identidade judaica, principalmente quando ele recita para a filha o famoso Salmo 137, também conhecido como o “Canto do exilado”. Esses versos, além de nos reportarem às migrações forçadas do povo hebreu, podem ser considerados também como uma alegoria do Judeu Errante ou do herege desterrado, sem moradia fixa, condenado a caminhar perpetuamente até o fim dos tempos, “em terra de exílio amargo e duro”. (ASSIS, 1994, p. 114).

Lembremos que o tema do Judeu Errante faz parte das inquietações machadianas. Em 1896, ele irá publicar o conto “Viver”, cuja temática trágica, envolvendo o castigo do sapateiro condenado por Cristo à errância perpétua, será, nos dizeres de Jiuvan Silva (2017, p.1), “um diálogo de densidade conceitual bíblico-filosófica entre Prometeu e Ahasverus, (o qual) desvela os recônditos da condição humana...”.

Machado adapta, assim, o Salmo 137, atribuído ao profeta Jeremias, em 11 belos sextetos, como se recriasse, dentro de a “Cristã-nova”, outro instigante poema, num intenso diálogo com o Antigo Testamento. Deixemos registrado aqui apenas as quatro primeiras estrofes, na harmoniosa transcrição do Bruxo do Cosme Velho:

Junto aos rios da terra amaldiçoada
De Babilônia, um dia nos sentamos,
Com saudades de Sião amada.

As harpas nos salgueiros penduramos,
E ao relembrarmos os extintos dias
As lágrimas dos olhos desatamos.

Os que nos davam cruas agonias
Do cativo, ali nos perguntavam
Pelas nossas antigas harmonias.

E dizíamos nós aos que falavam:
Como em terra de exílio amargo e duro
Cantar os hinos que ao Senhor louvavam? (ASSIS, 1994, p. 114)

Não podemos esquecer que, se Machado de Assis era um bom conhecedor de Camões, o qual também se inspirou no Salmo 137 para compor as famosas estrofes de “Sôbolos rios que

vão”, o autor de “A Carolina” era também um curioso e perspicaz leitor da Bíblia. Jean-Michel Massa (2001, p. 41), ao pesquisar a biblioteca de Machado de Assis, arrola, dentre as centenas de livros dessa coleção, um volume da Bíblia Sagrada, datada de 1866, “contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português, segundo a vulgata latina, por Antônio Pereira de Figueiredo.” Machado sempre se interessou pela poesia das Sagradas Escrituras, tanto que semeou referências, alegorias e adaptações de versículos bíblicos por várias partes de sua obra literária. Vale lembrar aqui, por exemplo, os poemas “O dilúvio”, “O profeta”, “Fé”, “Caridade”, “A morte no calvário”, e ainda a bela poesia intitulada “Soneto”, em que o autor de *Esau e Jacó* faz uma interessante adaptação de passagens do *Livro de Jó*, como se pode ler neste terceto que fecha o poema: “Onde eras tu, quando era tudo informe? / Que sabes tu do misterioso laço / Que une o que vive ao que perpétuo dorme?” (ASSIS, 2008, p. 733).

Voltando à poesia “A Cristã-nova”, na segunda parte dessa longa peça narrativa, somos apresentados agora ao bravo soldado Nuno, noivo de Ângela. Machado o descreve como destemido, aquele combatente que

Foge à estância da paz
Esperança, fortuna, amor e pátria
a guerrear o levam. Já nas veias
o vivo sangue irrequieto pulsa
como ansioso de correr por ambas
A bela terra e a suspirada noiva (ASSIS, 1994, p. 119)

Assim, depois de lutar corajosamente contra os inimigos franceses que invadiram a Baía da Guanabara, Nuno se apresenta esperançoso à casa da “suspirada noiva”. A alegria de rever Ângela, no entanto, logo dará lugar a um incalculável desgosto; seu sogro desafortunadamente caíra nas malhas do Santo Ofício:

Nela e no velho fita Nuno os olhos,
E agitado pergunta: “Qual ousado
Braço lhe ameaça a vida?” Cavernosa
Uma voz lhe responde: “O Santo ofício!”
Volve o mancebo o rosto
E o merencório aspecto
De dous familiares todo o sangue
Nas veias lhe gelou. (ASSIS, 1994, p. 122-123)

Se Machado era um ótimo conhecedor das narrativas e Salmos da Bíblia, era também um leitor atento da história da Inquisição portuguesa e das Visitações do Santo Ofício em terra brasileira. Em sua biblioteca constam obras de Alexandre Herculano, que em vários momentos de suas escritas trata do longo braço da Inquisição a perseguir os hereges no Brasil. Também consta desse rico acervo a “Revista Trimestral de História e Geografia bem como a Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil” (MASSA, 2001, p. 55-56). Em algumas dessas edições também há notícias do Tribunal lusitano da fé a exercer a vigilância da pureza cristã em solo tropical.

No poema de Machado, como podemos ver, comparecem “dois familiares” do Santo Ofício: homens truculentos “de voz cavernosa”, os quais tinham como tarefa, segundo Luiz Mott (2010, p. 24), “denunciar, prender, sequestrar os bens e embarcar para o Reino os suspeitos enquadrados no rol de crimes do conhecimento da Santa Inquisição”.

Francisco Bethencourt (2000, p. 146), por sua vez, comenta que o posto de familiar do Santo Ofício era uma função concorridíssima, mesmo tendo como primeira exigência que o candidato apresentasse uma árvore genealógica sem contaminação de mouros, judeus ou hereges até a sétima geração. Pagava-se muito bem, além de conferir certa ascensão social às camadas mais pobres da população portuguesa. E mais: a transmissão do cargo era hereditária, “o filho, o sobrinho, o genro apresenta a candidatura para suceder ao pai, ao tio, ao sogro falecido com o título de familiar, fenômeno que é homólogo à transmissão dos cargos inferiores, remunerados, dos tribunais” (BETHENCOURT, 2000, p. 146). Daí a ferocidade e o zelo com que esses funcionários exerciam suas tarefas. Machado sabia muito bem desses detalhes. Na estrofe XV do poema, um dos familiares do Santo Ofício impede que o velho judeu, antes que lhes atem as mãos, se despeça com mais vagar de sua amada filha:

Um familiar lhe corta
O adeus último: “Vamos: é já tempo”!
Resignado o infeliz, ao seio aperta
A filha, e todo o coração num beijo
Lhe transmitiu, e a caminhar começa (ASSIS, 1994, p. 123)

Embora no Brasil Colônia não tivesse um estabelecimento oficial da Inquisição lusitana, com julgamentos e mortes na fogueira, por aqui passaram, no entanto, três famigeradas

Visitações do Santo Ofício. A primeira chegou à Bahia em 1591 com o visitador Heitor Furtado de Mendonça. Já em 1618, o visitador Marcos Teixeira daria início à segunda visitação, também em terras baianas. A terceira acontece em 1627, quando chega ao Rio de Janeiro o licenciado Luis Pires da Veiga. Segundo Lina Gorenstein (2005, p. 68), muitos judeus passaram pelo Rio de Janeiro ou ali fixaram moradia na primeira metade do século XVII, “seja fugindo da inquisição ou das investidas holandesas: a cidade representava um porto seguro para eles. A chegada do visitador em 1627 deve ter assustado a comunidade cristã-nova...” Esse susto, esse desespero ou o velado medo diante dos familiares sisudos da Inquisição foi o que sentiram, aliás, todos os envolvidos no poema de Machado de Assis. Se a Nuno “o sangue nas veias lhe gelou” e Ângela se põe a soluçar e o corpo se agita num “tremor contínuo”, já o desconsolado judeu, dirigindo-se ao jovem Nuno, com voz “não frouxa, mas pausada, fala”:

— Vês? Todo o brio, todo o amor no peito
Te emudeceu. Só lastimar-me podes,
Salvar-me nunca. O Cárcere me aguarda,
E a fogueira talvez, cumpri-la é tempo (ASSIS, 1994, p. 123)

O velho judeu, mesmo sabendo que ninguém poderia salvá-lo das garras do Santo Ofício, nem mesmo seu genro, que era considerado um corajoso soldado, implora-lhe, no entanto, que cuide de sua “desvalida filha” como um “pai e esposo” (ASSIS, 1994, p. 123). O desgraçado velho percebe que seria inútil lutar contra o poder dessa instituição que, em nome da integridade da fé católica, perseguia bígamos, mouros, luteranos, sodomitas, feiticeiros, bruxas e, principalmente, judeus. Aliás, o judaísmo secreto dos cristãos-novos, também conhecido como criptojudaísmo, era, nas palavras de Ronaldo Vainfas (1997, p. 10), “a obsessão maior dos inquisidores portugueses, disso não resta dúvida, e assim seria até a metade do século XVIII”. De acordo ainda com Lina Gorenstein (2005, p. 72), foram muitas as pessoas que perderam a liberdade ou a própria vida pelo simples fato de ser judias. Nas quatro primeiras décadas do século XVIII, por exemplo, “foram presos cerca de trezentos e vinte e cinco cristãos-novos naturais do Rio de Janeiro (cento e sessenta mulheres e cento e cinquenta e oito homens...)”.

Notemos que, no poema, o velho pai de Ângela certamente fora denunciado por vizinhos por seu cripto-judaísmo: prática comum entre as comunidades que recebiam judeus.

Os juízes recebiam denúncias não só de conhecidos dos réus como também de pessoas anônimas. Segundo nos informa Elias Lipiner (1977, p. 59), devido à forma secreta do processo adotada pela Inquisição, na qual não se revelava “aos acusados o nome de seus denunciadores, o testemunho falso e a denúncia por ódio ou vingança tornou-se comum”. Não podemos esquecer ainda, como bem aponta Grigulévitch (1990, p. 314), que o Santo Ofício perseguiu grande parte das camadas burguesas, onde se encontrava a maioria dos cristãos-novos, como comerciantes, advogados, boticários e soldados. As vítimas tinham seus bens sequestrados, o que conferia à Inquisição a fama de ser “uma das empresas mais lucrativas da coroa portuguesa”.

Talvez a primeira das supostas heresias impingidas ao pai de Ângela tenha sido a de refugiar-se secretamente em sua biblioteca, longe da curiosidade alheia, para ler a *Torá*, livro proibido por contrariar os dogmas cristãos, fazendo parte, inclusive, do *Índex Librorum Prohibitorum*. Em segundo lugar, o velho judeu clamava que a pátria mais desejada por ele seria Jerusalém: terra que, antes de ser arruinada, era “Bela e forte”, com belos atavios “de ouro e prata ornada” e que somente poderia ser redimida por “Moisés” e “não Cristo”. Esse desgostoso homem, obrigado a se batizar no catolicismo e que, em público, era obrigado a disfarçar sua fé no Deus de Davi, seria, nas palavras de Machado de Assis (1994, p. 114), uma “Alma infeliz nem toda era de Cristo / Nem toda de Moisés”.

Anita Novinsky (1990, p. 8), em uma das suas importantes análises sobre “A Cristã-nova”, trabalho, aliás, que embasou parte de nossas reflexões neste artigo, observa que esse poema machadiano “é construído de maneira dialética: sempre o jogo entre o velho e o novo, a Palestina e a América, a geração que vai e a geração que vem, o belo e o terrível, o sonho e a realidade”. Aliás, esse jogo dialético, complementamos, essa intensa fonte de dubiedades, irá desaguar mais tarde no rio caudaloso dos “paradoxos e ajustamentos históricos”, que, segundo Roberto Schwarz (2000, p. 116), marcam o trabalho literário realizado por Machado em *Memórias Póstumas*. Assim, esse caráter ambíguo, próprio da estética machadiana, molda também a identidade dos primeiros personagens de “A Cristã-nova”, tanto que o poema apresenta nas estrofes finais uma espantosa reviravolta.

Surpreendentemente, Ângela, com extrema convicção, contrariando os finais felizes das narrativas românticas, renuncia seu amor por Nuno, que, desesperado, se sente como se

houvera num campo de batalha “encontrado a bárbara e medonha morte” (ASSIS, 1994, p. 124). De forma resoluta, Ângela se entrega aos funcionários do Santo ofício, e decide seguir destemida, caminhando abraçada ao seu velho pai, em direção ao navio que os levaria para a prisão em Portugal. A cristã-nova toma as rédeas de seu destino e faz opção pelo pai. Mesmo em meio a essa reviravolta inesperada, Ângela ainda encontra forças para despedir-se chorosa do noivo amado:

Arfa-lhe o peito aflito,
Como o dorso da vaga que intumesce
A asa da tempestade. “Adeus” suspira
E a frente abriga no paterno seio. (ASSIS, 1994, p. 124)

Nos versos finais do poema, vence o amor filial. Mas, embora Ângela siga serena e meiga, seu pai sente que a pobre filha, marcada por uma mocidade breve e solitária, para agradá-lo, vai disfarçando no peito as “internas mágoas”, principalmente quando ambos adentram o navio que os conduziria às praias:

Da anciã Europa, carregado o rosto
ia o pai, ela não. Serena e meiga,
Entra afouta o caminho da amargura,
A custo sofrendo internas mágoas
Da amarga vida, breve flor como ela,
Que inda mais breve a mente lhe afigura (ASSIS, 1994, p. 125)

Anita Novinsky (1990, p. 17) observa ainda outro fato ambíguo e contraditório que marcará mais uma vez a estética de “A cristã-nova”. Antes de marcharem definitivamente para o “caminho da amargura” e para o “perpétuo abismo” que os aguardam, “Machado inverte as posições”. Ângela, que até então, nos momentos mais difíceis, lembrava-se apenas de Jesus, antes de entregar-se aos carrascos, evoca o povo de Israel, clamando: “O eleito povo, flor suave e bela / que o medo não desfolha, nem já seca / ao vento mau da cólera dos homens” (ASSIS, 1994, p. 123).

Já seu velho pai, surpreso diante da firme decisão da filha em seguir com ele para a prisão, cessa nos lábios os Salmos de Davi, evocando repentinamente o “Nazareno”, ou “o filho do mistério”: aquele que seria “a única lei da vida” (ASSIS, 1994, p. 125). Cabe aqui retomarmos

as observações de Ricardo Forster (2006, p. 10), para quem o cristão-novo guarda em si todos os opostos e contradições: “O marrano é aquilo que não representa e, ao mesmo tempo, representa aquilo que não é”. E mais: os cripto-judeus vivem um conflito insolúvel que molda sua vida, esboçando uma identidade incerta, “itinerante, fugidia, esfacelada, mas intensamente consciente de suas carências e de seus desejos que não deixam de espicaçá-los” (FORSTER, 2006, p. 11). Aliás, carências e desejos insolúveis serão as marcas da cristã-nova Ângela: uma espécie de mártir ou vítima das circunstâncias, que fez opção pelo “sacrifício”, nas palavras de Novinsky (1990, p. 18), já que abandona o casamento com o noivo amado para seguir com o seu velho pai até os calabouços da morte. Dessa forma, concordamos com Novinsky (1990, p. 21) quando expressa que o poema “A cristã-nova”, além de ser pontuado pelas contradições da alma humana, é também “pessimista, sem esperanças. Os sonhos da jovem aberta para a vida e o amor se desfolham ante a realidade”.

Podemos dizer, portanto, que Machado de Assis semeou pelos versos de “A Cristã-nova” denúncias dos conflitos intensos entre os representantes do Santo Ofício lusitano e os cripto-judeus brasileiros, os quais se refugiaram nos trópicos em busca da possível terra prometida que lhes daria “a flor de trigo e mel”, mas que, paradoxalmente, tal qual o velho pai de Ângela, encontraram o sofrimento e a intolerância em meio à natureza “pomposa, compassiva e grande” (ASSIS, 1994, p. 113).

Acrescentamos ainda que esse pessimismo ou ceticismo machadiano, apontados por Novinsky, além desses sonhos que “se desfolham ante a realidade”, comparecerão mais tarde, burilados de forma intensa e madura, em outras personagens. A cristã-nova representaria, assim, o rascunho ou o esboço das mulheres que irão povoar, no futuro, os contos e romances de Machado e que, segundo Mário de Andrade (2002, p. 111), estariam mais determinadas em dar “uma finalidade mais complexa à vida”. Lembremos, por exemplo, de outras personagens tão fortes e corajosas quanto Ângela, mas também marcadas por um destino trágico e desafortunado, como, por exemplo, Rita e Eugênia. Rita, personagem adúltera do conto “A cartomante”, termina sua curta aventura de mulher apaixonada, assassinada pelo esposo enciumado. Já Eugênia, ou “A flor da Moita”, a mocinha carente e coxa de *Memórias Póstumas*, ansiosa por provar de um beijo, é abandonada pelo namorado volúvel, terminando seus dias

solitária, “manquejando da perna e do amor”, “triste como os enterros pobres”, na ácida visão de Brás Cubas. (ASSIS, 1999, p. 99).

Dessa forma, se Ângela viveu a Inquisição portuguesa de forma violenta, abandonando o noivo e seguindo com o pai para a possível morte num braseiro em praça pública, já Eugênia e Rita sentiram também na própria pele, não as chamas do fanatismo religioso, mas a hipocrisia e o convencionalismo da sociedade patriarcal e burguesa do século XIX. As duas seriam, portanto, também vítimas, não da Inquisição, mas daquelas “outras inquisições”, na inquietante expressão de Jorge Luis Borges (2007).

Agradecimentos

Agradeço ao Wilson Filho Ribeiro de Almeida, pela revisão do artigo e pela tradução do resumo.

Referências

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ASSIS, Machado de. **Americanas**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. V. III.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ASSIS, Machado de. **Toda poesia de Machado de Assis**. Organização e prefácio de Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BANDEIRA, Manuel. O Poeta. *In*: ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. V. III. p. 11-14.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BORGES, Jorge Luis. **Outras inquisições**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FORSTER, Ricardo. **A ficção marrana**: Antecipação das estéticas pós-modernas. Tradução de Lyslei Nascimento e Miriam Volpe. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GONÇALVES, Fabiana. **De poeta a editor de poesia**. São Paulo: Cultura Acadêmica; UNESP, 2015.

GORENSTEIN, Lina. **A Inquisição contra as mulheres**: Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII. São Paulo: Humanitas, 2005.

GRANDOLPHO, Marina. **O indianismo em Americanas (1875)**. (Releitura da tradição romântica). 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4724>. Acesso em: 18 nov. 2019.

GRIGULÉVITCH, Iossif. **História da Inquisição**. Trad. José Antônio Rodrigues. Lisboa: Editorial Caminho, 1990.

LEAL, Cláudio Murilo. Prefácio: a poesia de Machado de Assis. *In*: ASSIS, Machado de. **Toda poesia de Machado de Assis**. Organização e prefácio de Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LIPINER, Elias. **Santa Inquisição: terror, linguagem**. Rio de Janeiro: Documentário, 1977.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. *In*: JOBIM, José Luís. **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. p. 21-90.

MIASSO, Audrey. O diálogo bíblico em “A cristã-nova”, de Machado de Assis. *In*: PEREIRA, K.; AYUB, P.; SILVA, G. (orgs.). **A poesia e a bíblia: entre a reverência e a paródia**. Uberlândia: EDIBRÁS, 2016.

MOTT, Luiz. **Bahia, Inquisição e sociedade**. Salvador: EDUFBA, 2010. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788523208905>

NOVINSKY, Anita. Machado de Assis, os judeus e a redenção do mundo. *In*: AMÂNCIO, Moacir (Org.). **Ato de presença: hineni (homenagem a Rifka Berenzin)**. São Paulo: Humanitas, 2005. p. 23-38.

NOVINSKY, Anita. **O olhar judaico em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1990.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. Dois marranos e um bruxo: Antônio José e Baruch Espinosa na poesia de Machado de Assis. **Arquivo Maaravi**, Belo Horizonte: UFMG, v. 6, n. 11, p. 1-10, out. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/1982-3053.6.11.62-70>

SILVA, Jiuvan Tadeu da. **O mito do judeu errante em Machado de Assis: entre a errância e a redenção - a reinvenção do imaginário e a subversão da cultura**. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21153>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000.

VAINFAS, Ronaldo (Org). **Confissões da Bahia: Santo Ofício da Inquisição de Lisboa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WIZNITZER, Arnold. **Os judeus no Brasil colonial**. Trad. Olivia Krahenbuhl. São Paulo: EDUSP, 1966.

Recebido em: 27.11.2019

Aprovado em: 28.01.2020